

ALBERTO S. SANTOS

Para lá de Bagdad

*Há um tempo para partir, mesmo quando não há
um lugar certo para ir.*

Tennessee Williams

*Há cinco degraus para se alcançar a sabedoria:
calar, ouvir, lembrar, sair, estudar.*

Provérbio árabe

*Só quem muito viajou e caminhou sabe com que
juízo se rege um grande sábio.*

*Odin ensina que só aquele que viu e aprendeu de outros povos
e outras formas de pensar pode agir com sabedoria.*

*Normalmente, as pessoas que pouco sabem sobre os estrangeiros
são as que mais odeiam o estrangeiro.*

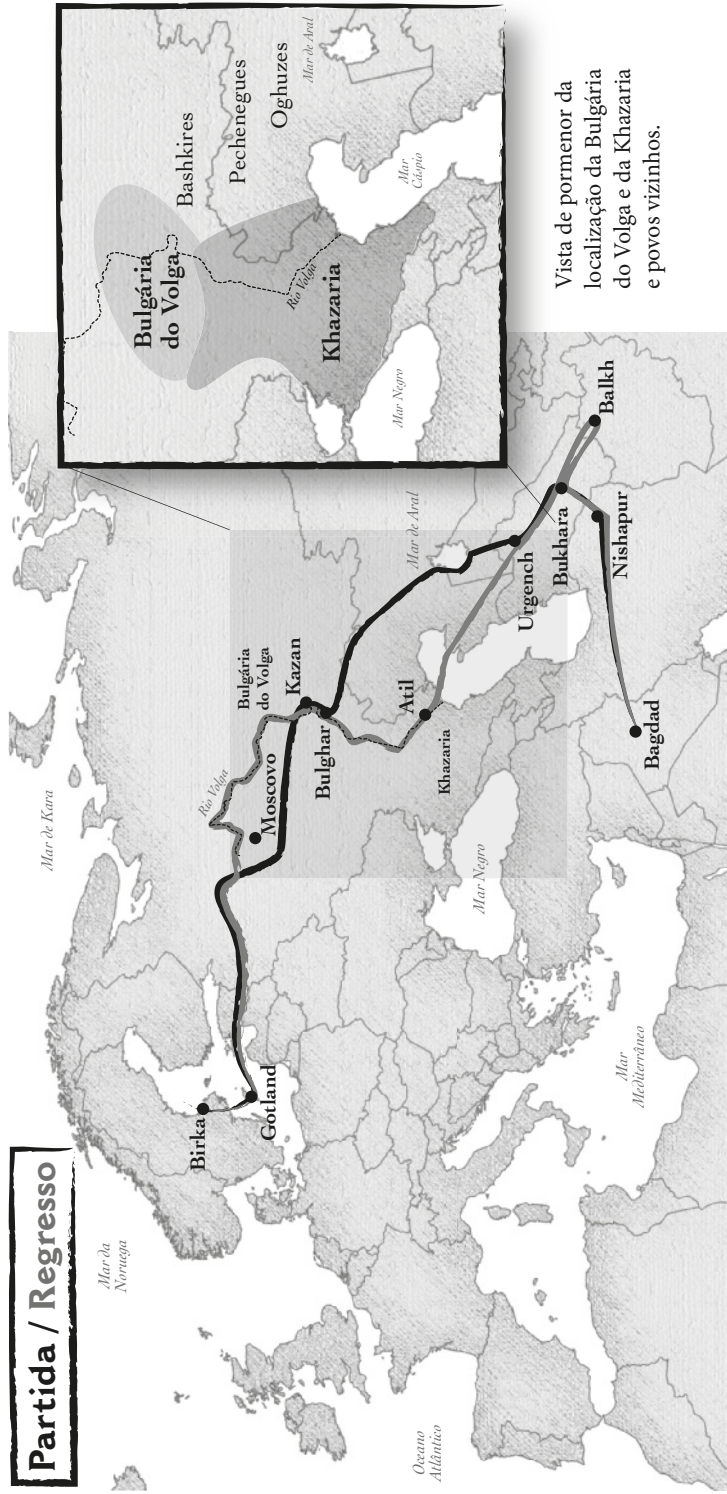
Sábio, na verdade, é o viajante que se move pelo mundo.

“Hávamál”, in *Edda Poética* (poema nórdico medieval)

Este livro teve por base o manuscrito árabe escrito pelo próprio Ahmad Ibn Fadlan, embaixador do califa abássida Al-Muqtadir para a terra dos búlgaros. No diário, do qual apenas existe uma versão incompleta, este emissário muçulmano do século X relata a sua viagem até ao leste e norte da Europa.

Alberto S. Santos tomou alguns dos factos reais descritos nesse manuscrito como ponto de partida para este soberbo e intenso livro de ficção, *Para Lá de Bagdad*.

Partida / Regresso



Vista de pormenor da localização da Bulgária do Volga e da Khazaria e povos vizinhos.

Mapa da Eurásia atual, com os principais pontos de passagem da viagem de Ahmad ibn Fadlan no século x.



I

*Todo o homem é mais parecido
com a sua época do que com o seu pai.*

Provérbio árabe

Capítulo 1

Layla

Ahmad desviou o olhar do tio e voltou a pousá-lo no colar de ouro que segurava na mão, de onde pendia um coração de âmbar. Encontrara-o no quarto por aqueles dias. Nunca o tinha visto antes, mas era capaz de adivinhar quem o ali deixara.

– Ainda não te arranjaste? Já viste as horas?!

O jovem suspirou. Espreitou pela janela. Os primeiros raios de sol acariciavam os telhados da cidade. No alto do minarete, ouvia-se a voz estridente do almuadem, convidando os crentes ao *fajr*, a primeira oração da manhã.

– Bom dia, tio Nadir. Eis o homem mais apressado de Bagdad!

– Quem te deu isso? – resmungou o tio, apontando para o delicado objeto. – Foi a tua noiva?

Ahmad ergueu os olhos negros e sorriu, ambíguo. Pensou em Layla, a noiva que o tio lhe escolhera, filha de um importante dignitário da corte. Vira-a meia dúzia de vezes no pátio da mesquita, no final das orações de sexta-feira. Era bonita. Pelo menos era o que se dizia. E os olhos escuros e delineados por traços leves de *kohol* isso indicavam atrás do véu. Na verdade, Ahmad nada mais poderia afirmar quanto à sua beleza e carácter. Nem era muito alta, nem muito baixa, nem muito magra, nem muito gorda. Mas o tio Nadir, importante embaixador do califa al-Muqtadir, não duvidara de que ela era a mulher ideal para casar. Ahmad conhecia as regras desde pequeno: primeiro o casamento, depois o amor, a seguir os filhos. Fora assim com os pais, com os avós e com toda a sua ascendência.

– O tio sabe que nunca estive a sós com a minha noiva. Só a vi ao longe.

– Hoje talvez a vejas. Mexe-te, que o encontro é cedo!
Ahmad saltou da cama como um corço.
– Então, não me dizes quem te deu isso?
– Quando descobrir, digo-lhe, tio. – E desapareceu num ápice para o *hammam* da casa, pensando naquela que imaginava ser a dona do colar.

Ahmad ibn Fadlan era órfão de pai e de mãe. O tio Nadir cumpria essas funções desde que se lembrava de si e aquilo a que mais aspirava era dar-lhe um futuro risonho, como grande qadi de Bagdad, o que não entusiasmava o sobrinho, mais fascinado com os conhecimentos que aprendia na Casa da Sabedoria. Ficava sempre empolgado a ouvir os relatos das viagens do tio, assim como as conversas que ele mantinha com estrangeiros nas receções que dava em casa. Quando Nadir se deslocava para missões distantes e duradouras, delegava as suas funções em Berg, o eunuco mais velho, em quem tudo confiava. Berg era um velho eslavo, permanentemente preocupado com a harmonia familiar.

À hora marcada, a comitiva deixou a residência. Debaixo da palmeira defronte da residência, um mendigo pedia esmola. Nadir atirou-lhe duas moedas, pois o dia poderia ser tudo menos aziago. Passaram pela Casa da Sabedoria e os amigos de Ahmad acenaram-lhe. Faziam parte dos *Jovens Mujtahids*, um grupo que nascera e crescera sob os auspícios do mestre al-Balkhî, um sábio persa acérrimo defensor da herança da ancestral sabedoria da Humanidade deixada por gregos, chineses, hindus, persas e caldeus. Hussein correu ao seu encontro.

– Vais ser o primeiro a casar. Espero que tenhas sorte com a noiva.
O jovem encolheu os ombros e sorriu, conformado.
– Já sou adulto e o tio Nadir acha que sim. Mas não pensem que se livram de mim! Em breve, estarei entre vós. Deixa o mestre chegar de Balkh e já nos encontraremos.
– Chega cá, Ahmad! – E, puxando-o para o lado e abeirando-se do ouvido, sussurrou-lhe: – Toma cuidado com Muhassin. Anda por aí a dizer umas coisas...

– O que anda a dizer esse pateta?!

Hussein era o melhor amigo de Ahmad. Haviām crescido juntos, porta com porta. Sempre fora o irmão que nunca tivera, com quem brincara,

a quem pregara as partidas típicas da infância, com quem aprendera as primeiras letras na *madrassa* da mesquita; foi Hussein quem o entusiasmou a entrar na Casa da Sabedoria e a instigarem, juntos, o mestre al-Balkhî a orientar o restrito grupo dos *Jovens Mujtahids*. O melhor amigo de Ahmad tornara-se num promissor génio da matemática, mas, se havia maior mérito entre os dois, era a sólida cumplicidade. Conheciam os segredos de cada um e não duvidavam de que eram capazes de dar a vida um pelo outro.

– Não sei se sabes, mas Furat também pretendia casar a tua noiva com Muhassin, o seu filho.

– O vizir Furat?! – riu-se Ahmad.

– Porque te ris? É o homem mais poderoso, a seguir ao califa.

Ahmad puxou-o para si e segredou-lhe:

– Pode ser o mais poderoso, mas não é tão esperto como o meu tio.

– Vá, toma cuidado! Muhassin ficou despeitado. Como sabes, é um louco e tornou-se no braço direito dos ulemas que nos odeiam. Os que querem destruir todos os que privilegiam o saber e o conhecimento, em vez da imitação. Sabes que cada vez são mais.

– Não sejas tonto, ninguém pode apagar o conhecimento. É o maior dom que Deus, o Omnisciente, nos concedeu. Lembra-te de que a *ijtihad* é o nosso pilar!

Hussein anuiu com a cabeça. Como o mestre ensinava, a *ijtihad* promovia o raciocínio original como pedra angular para o entendimento da Xaria. Assumia-se, assim, como um princípio maior dentro do Islão, propondo aos muçulmanos um permanente ajustamento à mudança. Mas os ventos contrários começavam a soprar com mais força. Muhassin, o filho do poderoso vizir, na busca obsessiva pelo poder, era o rosto do *taqlid*, a imitação, que preconizava que tudo o que havia para saber e conhecer era sabido e conhecido. Para os defensores do *taqlid*, opositores da *ijtihad*, não era necessário mais conhecimento para a Humanidade, pois Deus havia oferecido aos homens tudo o que eles precisavam de conhecer, através do Alcorão e dos ditos do Profeta.

– Só te digo: toma cuidado.

– Ahmad, olha a hora!

– Sim, meu tio! – E, virando-se para o amigo, abraçou-o. – Tenho de ir – rematou.

– O que é isso que trazes ao peito? – perguntou Hussein, sentindo um pequeno inchaço duro e metendo-lhe a mão pelo pescoço até exhibir o coração de âmbar.

– Apareceu-me no quarto.

– Zobaida?!

– Talvez....

– Nunca vi mulher tão bela. Ainda a amas?

– Tonto!

Hussein viu-o partir. Enquanto se dirigia para junto dos amigos, na Casa da Sabedoria, pensava nas confidências de Ahmad. Sabia que a mulher mais bela que alguma vez havia visto habitava no coração do amigo. Tantas foram as vezes em que lhe segredara o amor por Zobaida. Hussein sabia que ambos haviam descoberto em conjunto a surpresa da paixão, na qual se deleitaram numa aura de felicidade. Mas Zobaida era uma escrava. Escrava do velho Nadir al-Harami. E morria de medo que o seu senhor se apercebesse do que acontecia nas suas costas.

Ahmad prosseguiu com o tio em direção ao destino. A conversa com o amigo perturbara-o. Muhassin. Zobaida. Sentimentos antagônicos. Mas o destino estava traçado. Havia que cumpri-lo. Respirou fundo e prosseguiu.

Layla habitava num palácio. A família tinha uma pequena corte ao seu serviço, assim como escravos e eunucos para todas as tarefas, como o grego que lhes abriu a porta, dobrado em salamaleques.

Em silêncio, Ahmad assistiu às rotinas, tão presente como ausente. Tal como a noiva. Nenhum deles tomaria as decisões. Outros as tomariam por eles. O astrólogo já havia chegado e parecia ter pressa. Talvez o esperassem outros clientes impacientes por saber como se cruzavam os astros em seu favor, naquele dia. O horóscopo não demorou a corresponder aos desígnios que todos desejavam. No cosmos, tudo parecia de feição. Os noivos não encontrariam momento mais acertado para a boda. E a sincronia astral era tão perfeita que ninguém poderia pôr em causa esse desígnio. Nem o ódio de Muhassin, nem o amor de Zobaida. Até desprezara

as notícias de que um cometa havia atravessado os céus e se intrometera entre estrelas e planetas.

Depois de tão auspiciosas previsões, comeram doces e tomaram chá, enquanto tratavam o generoso dote que Nadir haveria de pagar ao pai da noiva. Layla não apareceu. Ahmad poderia vê-la, mais tarde, tapada pelo véu, é certo, uma ou outra vez, antes do casamento, no pátio da mesquita, como de costume. Assim, voltaram a casa: Nadir feliz, Ahmad ansioso por retornar para junto dos amigos.

Tempos depois, chegaram as notícias de que o mestre al-Balkhî havia regressado da viagem à cidade natal e que recomençariam as aulas na Casa da Sabedoria. Mas, logo a seguir, Nadir fora chamado a encabeçar uma embaixada à terra dos oghuzes e o casamento não se poderia fazer sem ele. Por isso, Ahmad não mais voltou à residência da noiva. Na verdade, passavam-se semanas sem pensar no assunto. Só a escrava do tio lho recordava através da sua permanente melancolia.

– Zobaida, nunca mais estivemos juntos! – interpelou-a, quando finalmente a apanhou a sós.

Ela fitou-o nos olhos escuros.

– Gosto muito de ti, *Olho Negro* – como ela e os amigos lhe chamavam –, mas o que vivemos terminou! Não faz mais sentido! Eu sou escrava do teu tio. Tu és um jovem livre, bonito e com uma noiva rica, como mereces. Não quero continuar com esta loucura!

– Não dizias que me amavas?!

– Ahmad, por favor...

Ele tirou o colar do pescoço e exibiu-o.

– Sabes o que significa isto?

– Sei o que isso é! Foi o único bem que trouxe comigo da terra dos meus pais. Agora é teu: o símbolo do sentimento que nos ligou. Espero que sirva para te lembrares de mim...

Os olhos não resistiram ao dilúvio que tentava suster. Marejada em lágrimas, fugiu para a sua alcova, onde se cobriu de mantas, soluçando sem parar. Já se havia determinado a cauterizar a ferida no coração, a aceitar a vida tal como ela era. Mas, sempre que as difusas memórias da infância perdida lhe irrompiam abria-se uma nova ferida dentro de si, que clamava por ser curada. Deitada de bruços na cama, as imagens voltavam. Um rapto cruel, algures num local desconhecido. A morte do pai, os gritos da mãe

e do querido irmão que nunca mais vira. A cena repetia-se noites sem fim nos pesadelos que tornavam a família que perdera permanentemente viva no seu coração. Quando lhe perguntavam pelas origens, respondia com um pesado silêncio. O silêncio da sua revolta e do respeito pelos entes queridos. Essa violenta memória era o seu único património, o seu único bem pessoal, a única ligação que mantinha à identidade longínqua e cada vez mais nebulosa. Por muito esforço que fizesse, não conseguia recordar-lhes o rosto, nem os dos responsáveis por tão hediondo ato, nem sequer o local onde tudo acontecera. Por isso, sofria. Não sabia como aquietar a alma ferida.

– Um dia, terei de saber tudo e de apaziguar-me definitivamente – motivava-se, mais calma, secando as lágrimas com as costas da mão.

A adaptação fora difícil, mas não havia outras alternativas: a morte ou a aceitação. Zobaida não quis morrer. Agarrou-se às memórias possíveis como tábua de salvação e aprendeu a viver e a conhecer o mundo. Tornara-se numa mulher bela, alta, com uma longa cabeleira loura a cobrir-lhe as costas e uns luminosos olhos azuis. Aprendera a cantar, a ler e a estudar nos livros e pergaminhos do seu primeiro dono, um velho livreiro de Bagdad, até que um dia, já em casa de Nadir, Ahmad a surpreendeu a ler os que trazia da Casa da Sabedoria. Foi entre muitas leituras que o amor entre ambos desabrochou e cresceu, e o mundo passou a luzir-lhe com um segredo encanto, até tomar consciência de que não tinha futuro.

O tempo passara e Nadir voltou. Foi num dia soalheiro e de festa que, antes de o sol se pôr, Ahmad se dirigiu a casa da noiva, com a família e os amigos, para celebrar o contrato de casamento. Esperou pelo juiz que haveria de redigir o documento, depois de se certificar que a noiva declarava que dava o acordo, como devia. Não seguia entusiasmado, nem desiludido, apenas resignado com o destino. Layla aguardava sozinha numa sala anexa, em frente a um espelho, e com o Alcorão aberto sobre a cabeça.

Para uma festa como aquela, o tio Nadir convidara quase quinhentas pessoas. Era um grande investimento, mas o caso não era para menos. Não tinha filhos, Ahmad era o seu filho adotivo. Mas apareceu mais gente. Algo que não podia estranhar-se, pois todo o bairro estava virtualmente convidado, e era contrário à honra e à etiqueta fechar a porta em dia tão venturoso.

Os eunucos esforçavam-se, contudo, por evitar que entrassem os *tufayli*, os boémios e falhados que viviam permanentemente de expedientes. Sabendo do princípio da honra devida em dias solenes como os do casamento, os *tufayli* mantinham uma rede bem informada na cidade e eram peritos em intrometerem-se nas casas dos ricos, nessas ocasiões. Naquele dia, um bando de rapazes aproximou-se do alvo, e um deles colocou subtilmente uma pedra redonda no chão. Enquanto o criado, desesperado, descobria a razão de a porta não fechar, eles entraram rapidamente, misturando-se com os convivas, exibindo fatos de gala alugados e mantendo conversas fúteis estereotipadas.

Mal chegou o juiz, acompanhado das testemunhas oficiais, sentou-se em frente a uma mesa e pegou no tinteiro e no registo. Iniciava-se o momento solene. As duas testemunhas dirigiram-se ao salão onde se encontrava Layla para lhe perguntarem três vezes e sem pressa, como era de praxe, se aceitava o dote inicial e futuro, e se era de sua livre vontade casar com Ahmad. Voltaram sorridentes e comunicaram o resultado ao juiz. Depois do consentimento do noivo, da assinatura do documento, da leitura dos versículos do Alcorão, Ahmad estava oficialmente casado com Layla.

Lançaram-se ao ar moedas de ouro e prata, em sinal de sortilégio, e entraram as dançarinas, com as suas liras, à frente de uma cantora generosamente paga para celebrar a graça e beleza da noiva. Layla deveria sair, esplendorosa, pela porta do harém do palácio, toucada por um diadema corado de flores de laranjeira e de jasmim, e cingida por um véu de gaze branca.

Mas ela não saiu. Subitamente, gritos de pânico ecoaram pela casa. Todos se precipitaram para a porta, na sua direção. As mulheres e os eunucos correram para o harém do palácio e voltaram com uma notícia devastadora. Uns atribuíam culpas ao astrólogo, outros aos *tufayli*, que haviam desaparecido sem rasto. O banquete transformara-se num inferno.